

- LIMONGI, Fernando; MESQUITA, Lara (2008). "Estratégia partidária e preferência dos eleitores". *Novos Estudos*, Cebrap, n° 81, pp. 49-67.
- LIPSET, Seymour M. (2001). "Cleavages, Parties and Democracy". In: KARVONEN, L.; KUHNLE, S. (orgs.). *Party Systems and Voter Alignments Revisited*. Londres: Routledge.
- LIPSET, Seymour M.; ROKKAN, Stein (orgs.) (1967). *Party Systems and Voter Alignments: Cross-National Perspectives*. Glencoe, Illinois: The Free Press.
- MANIN, Bernard (2012). *Principes du gouvernement représentatif*, 2ª ed. Paris: Flammarion.
- MELO, Carlos R. (2006). "Sistema partidário, presidencialismo e reforma política no Brasil". In: SOARES, Gláucio A. D.; RENNÓ JR., Lúcio R. R. *Reforma política: lições da história recente*. Rio de Janeiro: FGV.
- MENEGUELLO, Rachel (1989). *PT: a formação de um partido (1979-1982)*. São Paulo: Paz e Terra.
- _____ (2012). "O impacto do PT no sistema partidário: alinhamentos, arranjos políticos e movimentação de elites em torno do eixo petista". Workshop "The PT From Lula to Dilma", University of Oxford, mimeo.
- MENEGUELLO, Rachel; ALVES, Ricardo M. Martins (1986). "Tendências eleitorais em São Paulo (1974-1985)". In: LAMOUNIER, Bolívar (org.). *1985: o voto em São Paulo*, Coleção História Eleitoral, n° 1, IDESP.
- MENEGUELLO, Rachel; BIZZARRO NETO, Fernando (2012). "Contexto e competição na política paulista". *Dados*, vol. 55, n° 1, pp. 119-71.
- MIGUEL, Luís F.; MACHADO, Carlos (2007). "Um equilíbrio delicado: a dinâmica das coligações do PT em eleições municipais (2000 e 2004)". *Dados*, vol. 50, n° 4, pp. 757-93.
- NORRIS, Pippa (2011). *Democratic Deficit: Critical Citizens Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (2002). "Democratic Phoenix: Agencies, Repertoires and Targets of Political Activism". *Annual Meeting of the American Political Science Association*.
- NOVAES, Carlos (1996). "O primeiro turno da eleição para prefeito de São Paulo". *Novos Estudos*, Cebrap, n° 46, pp. 3-20.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, Marcelo Coutinho de (1991). "A direita que flutua". *Novos Estudos*, Cebrap, n° 29, pp. 10-27.
- POWER, Timothy; ZUCCO, Cesar (2009). "Estimating Ideology of Brazilian Legislative Parties, 1990-2005: A Research Communication". *Latin American Research Review*, vol. 44, n° 1, pp. 218-45.
- SELLERS, Jefferey M.; WALKS, Alan (2013). "The Metropolitanization of Politics". In: SELLERS, J.; KÜBLER, D.; WALKS, A.; WALTER-ROGG, M. (orgs.). *The Political Ecology of the Metropolis*. Colchester: ECPR Press.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). *Estatísticas Eleitorais, 2000-2012* (<www.jus.tse.br/eleicoes/estatisticas>).

Saímos do Facebook?

Esther Hamburger

De onde surgiu a multidão de jovens que inundou as ruas paulistanas e de diversas cidades brasileiras em junho de 2013 para reivindicar o congelamento das passagens de ônibus e metrô, aumentadas pela prefeitura e pelo governo do estado em 20 centavos? O momento era de afluência econômica. Baixos índices de desemprego, redução da pobreza, aumento dos índices de escolaridade eram alguns dos indicadores que poderiam levar à desconfiança para com um movimento que procurava barrar um aumento relativamente pequeno. Apenas dois anos antes, a chamada Primavera Árabe abalara governos na Tunísia, Egito e Síria. Na cidade de São Paulo em particular, onde o Partido dos Trabalhadores (PT) acabara de retomar, cerca de 5 meses antes, a prefeitura, o movimento chegou a ser visto como manifestação inconveniente que colocava contra a parede um prefeito sensível a manifestações populares.

"Saímos do Facebook", um dos milhares de dizeres que circularam em cartazes exibidos nas manifestações de junho de 2013, em São Paulo e em outras cidades brasileiras, expressa uma resposta possível a essas indagações. A frase sugere, na primeira pessoa do plural, uma certa autorreflexão. O manifestante que porta o cartaz se apresenta como membro da ampla comunidade do Facebook; uma comunidade que existe em relação à comunidade de não participantes da popular rede social. Esse coletivo macro se fraciona em uma infinidade de subconjuntos possíveis. A vinculação de um "usuário" com a rede se dá através de seu perfil específico, um espaço individual aberto a compartilhamentos múltiplos. Páginas podem ser individuais ou de grupo, institucionais, comerciais, de longa ou curta duração. Em torno dessas amizades se estabelecem teias intrincadas de relações. Cada participante estabelece relações de amizade com um grupo particular de pessoas, provavelmente diferente das outras pessoas que participam dessa rede social. O perfil no Facebook ao mesmo tempo conecta e individualiza.

A frase “Saímos do Facebook” explicita a presença da rede mundial de computadores como elemento de articulação das manifestações.¹ A frase sugere que a articulação virtual rompeu o limite da tela ao se materializar nas ruas. A passagem às ruas não significa abandonar o espaço virtual. Ao contrário, as redes sociais e o Facebook, em especial, permanecem como espaço de articulação, de repercussão ao vivo, ou não, das ações presenciais. Fotos, comentários e notícias postadas reverberam e realimentam o movimento.

As redes sociais constituem elemento intrínseco às manifestações. Por ela circulam informações, imagens fixas e/ou em movimento, comentários, discussões sobre os eventos de cada dia. Uma das dimensões mais expressivas desse movimento, como de outros em outras partes do mundo, é a ênfase em múltiplas formas de autoexpressão.

Os dizeres nos cartazes expressam uma dimensão de autoelaboração permanente de um movimento que surpreendeu o Brasil e o mundo. Liderado pelo Movimento Passe Livre (MPL), reuniu pessoas que se contrapuseram ao aumento da tarifa dos transportes metropolitanos e que, para além disso, concordam e discordam em relação a muitas coisas. Os cartazes problematizam, para as câmeras e o público externo, mas também para o público interno, sugerindo um caráter policlassista, que não apaga diferenças. Uma frase diz: “O gigante acordou”. Outra como que responde: “A periferia nunca dormiu”. Uns afirmam: “Não é só pelos 20 centavos”. Outros ampliam: “É pelos direitos”.²

Os cartazes constituem uma dimensão desses movimentos. Dentre as muitas facetas já abordadas sobre as manifestações,³ este capítulo elabora a maneira como o movimento se apropriou a um só tempo da cidade e de mecanismos de produção e circulação da expressão visual. Inicialmente depreensões e conflitos entre policiais e manifestantes dominaram a fala sobre

¹ Em artigo publicado em caderno especial da *Folha de S. Paulo*, “A arte do impossível”, Marcelo Coelho notou a presença de cartazes com esses dizeres (Coelho, 2013). O bordão pode também ser visto em fotos das manifestações ocorridas nos dias 17 de junho em São Paulo e 20 de junho no Recife, publicadas à época em diversos órgãos de imprensa, inclusive na edição online do *New York Times* (Schincariol, 2013).

² Ver artigo de Teresa Caldeira, “São Paulo: The City and its Protests” (Caldeira, 2013), para discussão sugestiva dos dizeres estampados em cartazes, por sua vez, impressos na extensa iconografia dos movimentos. Agradeço à autora pelos comentários à versão preliminar deste artigo, mas a isento de responsabilidade pelos resultados.

³ Ver, por exemplo, Marcos Nobre (2013); Carlos Vainer, David Harvey, Ermínia Maricato *et al.* (2013); Marilena Chaui (2013); Rosana Pinheiro-Machado e Alexander S. Dent (2013).

os movimentos no Brasil em tempos em que referências internacionais como a Primavera Egípcia, o Occupy Wall Street, ou as quase simultâneas manifestações na praça Taksim em Istambul, se impõem. Os dois elementos, violência e mobilizações mundiais, contribuem para a geração de uma espécie de espectro de medo e incerteza que às vezes impede a identificação de outros significados em potencial, contundentes e transformadores.

Além dos inúmeros cartazes visíveis nas imagens das manifestações sugerindo a pluralidade do movimento, a quantidade de smartphones chamou a atenção, confirmando a conexão à rede mundial de computadores como dimensão estrutural. Instrumentos individuais capazes de captar, gerar e transmitir conteúdos processados na rede, os celulares produziram imagens editadas e difundidas nas redes sociais. Documentários independentes postados no YouTube sistematizam o orgulho que diversos manifestantes sentiram ao não se intimidar, e participar de um movimento vitorioso, ao qual atribuem poder definidor dos rumos da história. Páginas individuais e coletivas no Facebook, no Instagram etc., compõem um amplo espectro de mídia social espontânea, quase infinita. Imagens-denúncia da violência policial abundam. Imagens dos transportes públicos superlotados captadas pelo olhar de quem depende deles todos os dias de manhã, reforçam a revolta com o aumento da tarifa de um serviço ruim. O site do MPL exhibe filmes que informam sobre as estruturas capilares de preparação do movimento em escolas nas periferias paulistanas, outra revelação que pode ajudar a entender a emergência repentina de um movimento de massas. Filmes como *A Partir de Agora: As Jornadas de Junho no Brasil* (Carlos Pronzato, 2014) ou *Junho* (João Vainer, 2014, produzido a partir do material do programa *TV Folha* exibido pela TV Cultura) buscam o formato do longa-metragem para oferecer subsídios a avaliações posteriores dos acontecimentos da época.

Os registros imagéticos produzidos pelo coletivo Mídia Ninja, transmitidos em *streaming* ao vivo e em tempo real, catalisaram a insatisfação com a cobertura externa e muitas vezes hostil da mídia convencional. Na sequência de experiências anteriores, que desde o início dos anos 2000 envolveram ativistas e artistas multimídia em experimentos de transmissões alternativas de imagens em movimento, a atuação conectada aos movimentos repercutiu em número de espectadores, mas também na apropriação pela própria mídia televisiva, que por vezes exibiu imagens captadas pelo coletivo ligado ao Fora do Eixo.⁴

⁴ Agradeço os comentários de Milena Szafir, uma das autoras do *Manifesto 21* e de experimento pioneiro em gravação e transmissão independente de imagens em movimen-

Vários desses registros permanecem acessíveis em inúmeros arquivos digitais disponíveis na internet, estimulando o lembrar e o indagar. A diversidade da massa reunida em manifestações se expressa nos dizeres impressos nos cartazes empunhados para o público. Ao enfatizar especificidades envolvidas no ser moreno, negro, mulher, gay, jovem, velho, popular ou burguês, participantes valorizaram a liberdade de circulação e manifestação no espaço público de cidades tipicamente congestionadas. Sonharam com o mundo sem opressão, com cidades onde se possa circular livremente; com a erradicação da corrupção; com uma política feita de maneira horizontal e direta. Reivindicações e formas de manifestação que em certo sentido ecoam os ideais dos anos 1960.

No dia 17 de junho de 2013 ocorreu a maior manifestação em São Paulo. Em Brasília, nesse mesmo dia, manifestantes chegaram até a laje de concreto do Congresso Nacional. No Rio de Janeiro e em outras cidades esse dia de manifestação também foi dos mais cheios. Estava no ar o apoio à luta contra o aumento das tarifas e a luta contra a violência da polícia no trato às manifestações. Nessa mesma noite dois representantes do MPL estiveram no *Roda Viva*, programa de debates da TV Cultura, emissora pública do estado de São Paulo. *Globo Repórter* e *Profissão Repórter* produziram edições especiais. Telejornais diários e populares como *Brasil Urgente* na Bandeirantes ou *Cidade Alerta* na Record também extrapolaram suas edições regulares.

As manifestações geraram repercussões nas quais os critérios de produção da notícia se tornaram assunto. O extenso material audiovisual disponível sobre as manifestações de 2013 sugere uma expressividade ainda pouco analisada. Nesse amplo campo, este artigo se dedica a uma dimensão específica: a expressividade performática do movimento coletivo dos milhares de corpos que se movimentaram na cidade de São Paulo no dia 17 de junho de 2013.

A abordagem pretende problematizar desafios postos para a construção de novas poéticas na disputa pelo controle da expressão audiovisual. A ori-

to. Para o primeiro trabalho jornalístico sobre o coletivo, ver Elizabeth Lorenzotti (2014). Segundo a autora (capítulo 1, p. 18), as transmissões em *streaming* começaram no dia 18 de junho de 2013 em São Paulo e resultaram da confluência de articulações anteriores com a oportunidade que as manifestações chamadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) ofereciam. É significativo que o início das operações tenha se dado justamente no dia seguinte da manifestação do dia 17, abordada neste texto.

ginalidade e a força visual do movimento se manifesta na performance coletiva da multidão ao perfazer certos trajetos na cidade, exercendo uma espécie de força espetacular antiespetáculo.

Em sintonia com outros eventos da vida contemporânea no mundo globalizado, as manifestações de 2013 no Brasil instigam a problematização da noção de sociedade do espetáculo (Debord, 2002 [1967]) em curso em diversas elaborações, como nas noções de imagem-evento (Clark *et al.*, 2006) ou espetáculo mediático (Kellner, 2012), um conjunto diversificado de elaborações que expressa o reconhecimento crítico da relevância das imagens para além do mundo das aparências. Como a disputa pelo controle da expressão fílmica se manifesta nas diversas coberturas audiovisuais não do conjunto das manifestações, mas particularmente das manifestações do dia 17 em São Paulo? De que maneira essas manifestações inscrevem sua marca nas expressões visuais de uma cidade que resiste à expressão fílmica? Que paisagens paulistanas ganham visibilidade na ocasião? Que elementos essas manifestações trazem para elaborações transnacionais que problematizam formas de expressão artística e política contemporâneas?

A performance do movimento na manifestação do dia 17 sugere que subjetividades fragmentadas se constituem também ao se apropriar de elementos do espetáculo. Há como que domínios espetaculares, terrenos nos quais os movimentos sociais e/ou subjetividades artísticas específicas se apropriam da linguagem do espetáculo. Mas como definir essa noção de espetáculo, presente aqui e ali em alusão a Debord e na descrição de eventos contemporâneos? É possível pensar que nos últimos 50 anos a noção de espetáculo se expandiu para incluir performances espetaculares antiespetáculo. E que a subjetividade desses movimentos se realiza não na luta contínua, mas em atuações contundentes que sugerem reposicionamentos mediáticos e alimentam a pesquisa por gramáticas alternativas.

Este capítulo se concentra na manifestação do dia 17 de junho em São Paulo, não porque essa talvez tenha sido a maior delas, mas pela expressividade dos caminhos percorridos na geografia da metrópole. Além de conquistar o congelamento do preço da passagem de ônibus, seguindo o comando do Movimento Passe Livre (MPL), e tomar ruas e avenidas da maior metrópole da América Latina, os manifestantes se dirigiram para o cenário dos principais telejornais locais. A ação performática sugere a amplitude do espaço público em disputa. O movimento procurou ocupar as ruas e as imagens televisivas das ruas ocupadas, bem como desenhou o trajeto de maneira a potencializar o alcance das imagens. Fez do próprio trajeto e do ponto de encontro final elementos expressivos capazes de atuar sobre a notícia.

Questionada, a maior emissora de TV do país, a Rede Globo, reagiu com um editorial no *Jornal Nacional*, com cobertura sobre a justiça das reivindicações e com o empenho em dissociar sua linha editorial da acusação de hostilidade aos movimentos populares.

O TRAJETO DA PASSEATA DE 17 DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO

Antes de junho, movimentos contra o aumento de passagens de ônibus e metrô ocorreram em março, abril e maio em Porto Alegre, Natal e Goiânia. Nas três capitais, os prefeitos enfrentaram a resistência da população. Mas foi em São Paulo, onde a notícia do aumento foi publicada no final de maio para entrar em vigor no dia 2 de junho, que o movimento eclodiu já no dia 3 de junho, com força contagiante, em diversos bairros da periferia e a partir daí para o centro da cidade. Em apenas 17 dias o prefeito e o governador passaram da postura de condenação enfática e repressão violenta ao congelamento das tarifas. Coberturas iniciais privilegiaram a denúncia de quebras-quebras executados em conjunção com manifestações que invariavelmente começavam regidas por um clamor de “Sem violência”, audível à exaustão no material postado. A crítica de órgãos da imprensa escrita e televisiva gerou hostilidade de manifestantes e alimentou a já mencionada profusão de coberturas alternativas. Embora o embate com os governos municipal e estadual fosse central à conquista do congelamento da tarifa, a polêmica em torno das interpretações visuais do movimento ganhava peso.

A força do movimento surpreendeu suas lideranças, governos, partidos políticos, imprensa, analistas. Uma geração inteira saiu às ruas sob a liderança do MPL, um pequeno grupo de jovens aguerridos, que estudaram a matéria de transporte urbano e elegeram a meta do transporte gratuito como estratégica em uma luta pela transformação social e pela construção de uma sociedade mais justa. Em São Paulo, na época, o MPL era composto de cerca de 40 pessoas solidamente preparadas para manter a estrutura não hierárquica e avessa à celebridade que norteia a organização, presente em diversas cidades.

No dia 11 de junho, os jornais paulistanos publicaram reações do vice-presidente Michel Temer, do governador Geraldo Alckmin e do prefeito Fernando Haddad às manifestações ocorridas na véspera. O vice-presidente do PMDB, o governador do PSDB e o prefeito do PT, juntos em Paris, onde defendiam a candidatura da capital paulista para sediar a Expo 2020, coin-

cidiam em sua condenação ao movimento. A reivindicação não se justificava, já que o reajuste proposto estava abaixo da inflação no período. As depredações sugeriam que o movimento era composto de pessoas avessas ao Estado democrático de direito.⁵ O pronunciamento dos três governantes responsáveis pelos três níveis de governo e membros dos principais partidos políticos do país era reforçado por pronunciamentos de articulistas, jornais e emissoras de televisão. Havia uma concordância do Poder Executivo do Estado, apoiado pela mídia, contra o movimento e suas reivindicações. A abertura em Brasília da Copa das Confederações, exatamente um ano antes da Copa Mundial de Futebol, era razão adicional a justificar a reação governamental. O evento internacional ofereceu palco para manifestações que ampliaram o escopo de protesto para incluir oposição aos gastos milionários com a Copa e reivindicar investimentos em saúde e educação.

Apesar do posicionamento inicial contrário praticamente unânime nas hostes da política institucional, o movimento cresceu e se tornou vitorioso. Embora tenha assumido posição favorável ao congelamento da tarifa, o apresentador do popular *Brasil Urgente*, José Luiz Datena, por exemplo, viu atônito a resposta a sua usual enquete desobedecer, em vez de referendar, o seu palpite. O apresentador todos os dias da semana discursa livremente no estúdio, de pé, no centro de um espaço arredondado e ao lado de uma grande tela que exibe imagens que ilustram sua fala sobre o tema da vez. Nesse início de junho ele fala contra o aumento de tarifas, mas enfatiza que é contra baderna. Para reforçar sua opinião, convoca a usual pergunta, que aparece escrita na parte inferior do quadro: “Você é a favor desse tipo de protesto?”. Enquanto os votos chegam, a preleção do apresentador critica a depredação e o impedimento da circulação nas vias públicas, induzindo o “Não”. Mas a resposta contraria sua opinião. Ele reformula o enunciado para garantir que seus interlocutores tenham entendido a mensagem. A nova versão explicita a formulação tendenciosa: “Você é a favor de protesto com baderna?”. Enquanto Datena comanda a mudança do enunciado, uma legenda indicando a prisão de manifestantes aparece na tela, que se distancia da fala do apresentador revelando a violência policial na repressão ao movimento. O público mantém o voto “Não”, o que obriga Datena a adequar o seu discurso ao vivo. Surpreso, ele afirma que o povo não aguenta mais. Diante do

⁵ Ver <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293748-em-paris-alkmin-haddad-e-temer-criticam-destruicao-durante-protesto.shtml>> (último acesso em 23/12/2014).

resultado vale a máxima que em geral serve para justificar os excessos do programa: “A voz do povo é a voz de Deus”.⁶

No dia 13 de junho, uma quinta-feira, legitimados pelas declarações governamentais e estimulados pela reação negativa da imprensa ao movimento, a polícia bateu violentamente, agredindo também jornalistas. Imagens da arbitrariedade policial inundaram as redes sociais e também a imprensa escrita e audiovisual, que mudou de lado. A foto de uma repórter da *Folha de S. Paulo* ferida no olho por uma bala de borracha reverberou.⁷ A revolta contra a violência policial incorporou os órgãos de imprensa e fez aumentar o apoio à próxima manifestação, a do dia 17 de junho, provavelmente a maior e a que nos interessa mais de perto.⁸

Em São Paulo a manifestação do dia 17 foi convocada originalmente para o Largo da Batata, Estação Faria Lima da recém-inaugurada e superlotada linha amarela do metrô. A manifestação recebeu apoio de pessoas que, além de solidárias e favoráveis ao congelamento das tarifas, protestavam contra a violência empregada pela polícia militar na repressão a um movimento legítimo. A polícia reproduzia práticas adotadas na repressão às manifestações contra a ditadura militar e que ainda hoje caracterizam sua ação diária nas periferias. A polícia permanece a mesma. Os manifestantes e as formas de manifestação, no entanto, mudaram.

⁶ Ver <<https://www.youtube.com/watch?v=6dk0sdyYcdY>> (último acesso em 16/8/2014).

⁷ A jornalista do TV Folha, Giuliana Vallone, compartilhou a experiência em sua página no Facebook (<<https://www.facebook.com/giuvallone?fref=ts>>, último acesso em 21/12/2014). A agressão da polícia à jornalista foi fartamente noticiada nos mais diversos órgãos de imprensa de São Paulo e de outros estados brasileiros. Ver, por exemplo, <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/protesto-em-sao-paulo-reporter-ferida-no-olho-publica-depoimento-sobre-que-aconteceu-8686548.html>> (último acesso em 21/12/2014), ou ainda <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/13/reporter-da-tv-folha-e-atingida-no-olho-por-bala-de-borracha-durante-protesto-em-sp.htm>> (último acesso em 21/12/2014).

⁸ A relevância dessa manifestação no conjunto das mobilizações daquele dia é também reconhecida em retrospectivas como a de Rodrigo Ramthum na edição de 16/7/2013 do *Observatório da Imprensa* (Ramthum, 2013). O autor toma o dia como marco da nacionalização do movimento, que teria envolvido 65 mil pessoas em São Paulo e 100 mil pessoas no Rio de Janeiro, além de Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília, Vitória, Curitiba, entre outras cidades. A ESPN também destaca as manifestações desse dia, <http://espn.uol.com.br/video/337097_o-dia-17-de-junho-e-as-manifestacoes-pelo-brasil-que-acordou> (último acesso em 21/12/2014).

A revolta com a violência policial gerou a intervenção do Ministério Público, presente a uma reunião preparatória entre lideranças do MPL, o secretário da Segurança Pública e o comando da polícia. Embora a polícia insistisse em saber de antemão qual seria o trajeto daquela noite, o MPL se recusou a fornecer essa informação. Ficou acordado que não haveria Tropa de Choque ou balas de borracha. A polícia acompanharia a liderança, facilitando o trânsito dos manifestantes no sistema viário. A cobertura jornalística enfatiza a não revelação do trajeto, o que gerou suspense até o fim da tarde, quando a multidão se dividiu primeiro em um grupo que saiu em direção à avenida Paulista, tradicional palco de manifestações, e logo depois em mais dois grupos que se dirigiram por rotas paralelas à Ponte Estaiada, cerca de 5,6 km ao sul de Pinheiros.⁹

O Largo da Batata é uma das regiões afetadas pelas recentes transformações urbanas lideradas pela especulação imobiliária e pela construção civil, uma associação predatória que insiste na lógica de destruição e reconstrução, produzindo uma cidade caótica e sem memória. Em meio às obras recentes foram descobertos restos arqueológicos de camadas anteriores de ocupação, tradicional entreposto nas rotas de circulação desde a Colônia. Antiga sede de um velho Mercado de Pinheiros, o largo sofreu uma grande transformação com a ampliação da avenida Faria Lima. Mais recentemente, a construção do metrô levou à modificação do curso das ruas e calçadas, além da demolição de velhos armazéns, lojas e pequenas casas geminadas para a construção de novos arranha-céus envidraçados, de gosto duvidoso. A verticalização da região e as novas vias de tráfego se organizam em torno de uma nova praça de concreto em volta da nova estação do metrô dos dois lados da avenida Faria Lima. A Igreja de Pinheiros, uma construção antes abrigada por quarteirões de pequenas casas e estabelecimentos comerciais, ganhou uma visibilidade inusitada e perversa, dada a feiura de suas feições, não projetadas para enfrentar a nova esplanada. A pequena classe média que habitava a região, mas que não pode pagar o assim chamado “preço do progresso”, é expulsa, enquanto prédios de luxo passam a se localizar ali. O pequeno comércio é substituído.

Um espaço desolado, praça sem equipamento de praça, sem verde ou banco, ganhou vida com a concentração de manifestantes no dia 17, sugerindo o potencial do espaço urbano que se adapta incessantemente a novas

⁹ Ver, por exemplo, a cobertura do telejornal *SPTV 2ª Edição* em <<http://globo.tv.globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/pelo-menos-30-mil-manifestantes-participam-do-protesto-em-sao-paulo/2639685>> (último acesso em 21/12/2014).

configurações. O Largo da Batata dista cerca de 9,5 km do centro da cidade e 5,5 km da avenida Paulista. O local escolhido antecipa a primeira diferença em relação a manifestações anteriores do mesmo movimento, e de manifestações legendárias, promovidas pelos movimentos pela anistia, pelas eleições diretas e pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, de cerca de 20 e 40 anos atrás. A lógica dos movimentos anteriores era a de ocupar pontos simbólicos e amplos no centro da cidade. Nos movimentos do passado, se instalava um palco nesses lugares para que lideranças políticas, sindicais, estudantis, intelectuais e artistas solidários discursassem. Essas manifestações em geral contavam com a simpatia da mídia impressa, cuja cobertura contrastava com o boicote televisivo, especialmente da Rede Globo, que demorou a se ajustar aos novos tempos. Às vezes havia passeata. A intenção da passeata — como na maior parte dos casos ainda é — era divulgar as causas de luta nas ruas, convidando transeuntes a se juntar ao movimento, engrossando a marcha que desembocaria no local dos discursos. Muitas vezes a repressão, a cavalo, a pé, ou de camburão obrigava o corre-corre dispersivo movido a gás lacrimogêneo, cassetetes e centenas de prisões.

Nos movimentos de junho não havia palanque ou discurso. A liderança comandava instruções em um alto-falante manual. Seu recado era repetido coletivamente pelos manifestantes mais próximos de maneira a se tornar audível para a multidão. Aversa à hierarquia, a liderança procura não se destacar. As entrevistas para jornalistas eram controladas. Na televisão, o MPL aceitou participar do programa *Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo dando o caráter público da emissora. O aceite foi condicionado à participação de dois membros do movimento, o que obrigou à alteração do formato original, no ar há quase 30 anos, sempre com um entrevistado na berlinda, no centro de uma roda de entrevistadores. A mesma fórmula valeu depois para a entrevista de representantes do Mídia Ninja e do Fora do Eixo no mesmo programa.

Do Largo da Batata saíram mais dois grupos com o mesmo destino: a Ponte Estaiada, a ponte Octavio Frias de Oliveira, uma impressionante obra de engenharia contemporânea, inaugurada há cerca de 3 anos, que ironicamente liga as marginais do rio Pinheiros à avenida Jornalista Roberto Marinho. O local dista cerca de 5,6 km do Largo da Batata pela avenida Faria Lima, ampliada também para a direção sul, em que ela chega ao novo Shopping JK e adiante à Vila Olímpia e à avenida Luís Carlos Berrini, zonas ocupadas desde os anos 1990 por grandes empresas, hotéis de luxo e bancos voltados a clientes com altos investimentos, atraídos pela infraestrutura moderna, pela proximidade do aeroporto de Congonhas, e pela concentração

de avenidas, trem e metrô. Entre essas empresas, a sede paulistana da Rede Globo de Televisão fica no cruzamento das avenidas Luís Carlos Berrini e Jornalista Roberto Marinho. Os dois telejornais locais da emissora, *Bom Dia São Paulo* e as duas edições do *SPTV* são apresentados nesse local.

Nos últimos 20 anos, os telejornais locais da Globo desenvolveram um jornalismo de serviços, procurando se aproximar da pauta dos moradores interessados em problemas específicos que afetam o cotidiano, temas em geral ausentes dos telejornais nacionais. O visual desses telejornais locais é padronizado: os jornalistas que apresentam se sentam em uma bancada de frente para a câmera; ao fundo uma janela se abre para uma paisagem local, que especifica a “praça”.

Em São Paulo, a janela do telejornal local se abre justamente para a Ponte Estaiada, ou ponte Octavio Frias de Oliveira, fundador do Grupo Folha, concorrente nacional da Globo. O movimento de carros indo e vindo em direções opostas nas duas pistas curvas que se cruzam — cujo desenho faz da ponte uma obra de engenharia reconhecida mundialmente — trás para o estúdio, e para os telespectadores em casa, imagens da situação do trânsito, assunto privilegiado dos telejornais paulistanos. O trânsito é também assunto principal da pauta do MPL, que em sua Carta de Princípios associa a luta pelo transporte público gratuito com “a discussão sobre aspectos urbanos como crescimento desordenado das metrópoles, relação cidade e meio ambiente, especulação imobiliária e a relação entre drogas, violência e desigualdade social”. O MPL procura valorizar espaços públicos e a livre circulação na cidade.¹⁰

A janela que se abre para o viaduto no cenário do telejornal atesta que o noticiário está sendo feito *in loco* e ao vivo na cidade de São Paulo. Aninhado entre as duas marginais do rio Pinheiros, a imagem do viaduto permite entrever também fragmentos do complexo viário em seu entorno. A janela para o trânsito na ponte e na marginal reconhece e promove a ponte e ao mesmo tempo mostra continuamente a situação do trânsito naquele ponto da cidade. À noite, a circulação ou o congestionamento dos carros nesse ponto do sistema viário configura um denso emaranhado de luzes em movimento.

A majestosa obra de engenharia contemporânea encarna o investimento público em vias de circulação exclusiva de automóveis. A obra, iniciada na gestão Marta Suplicy e finalizada na de Gilberto Kassab, completa outras

¹⁰ Ver a Carta de Princípios do MPL em <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>> (último acesso em 16/8/2014).

intervenções urbanas que estabeleceram a região como novo polo comercial, alvo da especulação imobiliária, que compra terras e pequenos imóveis a baixo preço, favorece a verticalização e a expulsão dos antigos moradores, justifica a remoção de favelas e resulta na alteração radical da paisagem urbana, agora verticalizada.

A opção pela ponte suspensa como cenário do telejornal contribuiu para inserir a obra no panorama de uma cidade que resiste à expressão visual.¹¹ A geografia social organizada historicamente em torno do eixo Centro-periferia, em um extenso planalto, onde as classes sociais se distribuem de maneira segregada, não facilita. A cidade carece de referências visuais expressivas. É conhecida a dificuldade que estrangeiros têm em se situar na malha urbana de uma cidade que não se deixa dominar facilmente.

A lógica econômica baseada na agressividade da construção civil “que ergue e destrói coisas [talvez cada vez menos] belas” produziu o polo comercial da Berrini. Parte da modificação recente na geografia urbana da cidade que viu a emergência de “enclaves”, i.e., loteamentos e/ou complexos de prédios de circulação exclusiva de moradores e clientes corporativos.¹²

A televisão, como a internet, a fotografia, o cinema, o rádio e o telefone, se alinha à ânsia moderna pelo rompimento de barreiras no espaço e no tempo. Os meios de comunicação se alinham aos meios de transporte ao favorecer a extensão do alcance da visão ao deslocamento de veículos que teoricamente encurta distâncias, demonstrando domínio sobre o território. A escolha da imagem da Ponte Estaiada é coerente com essa vertente desenvolvimentista. Porém a valorização do transporte individual, que um dia encarnou o desejo de liberdade, hoje alude ao congestionamento endêmico nas grandes cidades,¹³ a ponto de eliminar o fluxo característico da vida urbana, entendida na sua acepção moderna como espaço da liberdade e da

¹¹ Rubens Machado Jr. desenvolve a ideia de que São Paulo resiste ao cinema. Ver seu artigo “São Paulo, uma imagem que não para” (Machado Jr., 2002).

¹² Para mais dados sobre a mudança no padrão de urbanização da cidade, ver Caldeira (2000) e Fix (2001).

¹³ James Holston e Otávio Velho apontam a inconsistência das políticas públicas que no nível municipal enfrentam o excesso de veículos nas ruas e no nível federal estimulam a produção de automóveis via isenção de impostos (Holston, 2013; Velho, 2013). O favorecimento da indústria automobilística pode ser entendido como uma contradição no modo de produção capitalista, daquelas que inviabilizam seus próprios pressupostos. Num plano mais imediato, expressa a contradição entre as políticas públicas de favorecimento do transporte coletivo e a simultânea redução de impostos que favorece o consumo de carros.

convivência que inspira a vida pública, espaço de equacionamento de conflitos e de geração de ideias e transformações.¹⁴

O deslocamento no espaço é tema recorrente em filmes que se passam em São Paulo. Roberto Santos, em *O Grande Momento* (1958), aborda a cidade do ponto de vista do trabalhador, morador de subúrbio. O protagonista, interpretado por Gianfrancesco Guarnieri, se locomove de bicicleta. *São Paulo S/A*, de Luís Sérgio Person (1965), aborda a crise existencial do protagonista, interpretado por Walmor Chagas, dividido entre a vida burguesa como executivo na empresa do sogro e a ânsia de uma vida livre das convenções sociais e da opressão do trabalho corporativo (Xavier, 2006). Seu processo de liberação se dá na estrada, ao pilotar seu carro esporte sem destino definido. Abandona o carro e volta para o Centro de carona em um caminhão. No cinema mais recente, *O Invasor*, de Beto Brant (2002), se destaca pelo uso de longos planos-sequência de deslocamento de carros no sistema viário da cidade. O protagonista vivido por Paulo Miklos dirige a perua do pai da namorada (que no ofício de matador ele foi pago para assassinar), levando-a de sua casa em bairro de classe alta à periferia e de volta (Nagib, 2006).

O PLANO DISPUTADO

“Um país rico não é aquele em que o pobre tem carro, é aquele em que o rico anda de transporte público”, diz um cartaz citado por Otávio Velho em sua contribuição para o dossiê da revista *Cultural Anthropology Online* (Velho, 2013).¹⁵ O dizer empunhado por um manifestante expressa elementos de um novo paradigma de organização social, emergente de maneira fragmentária nesse e em outros movimentos sociais contemporâneos.

¹⁴ Walter Benjamin (1968, 1978) identifica essa liberdade de circulação na cidade com a figura do *flâneur* baudelairiano. Em outro registro, Richard Sennet pontua a decadência do que denomina “homem público”, já na cidade moderna (Sennett, 1988 [1974]). O cinema problematiza essas interpretações do espaço urbano ao contrastar dimensões opressoras, como a linha de montagem fordista, com aspectos de irreverência libertária. A cidade emerge nos anos 1950 e 1960 no cinema como dimensão estratégica de um movimento que busca sair dos estúdios, ganhar a rua em busca da expressão da vida cotidiana. A vida urbana aparece em conexão com meios de transporte: o carro, a estrada, o avião, e de uma cidade para outra, o trem.

¹⁵ Vale a consulta ao conjunto de artigos curtos, escritos no calor da hora e publicados em dossiê especial da revista *Cultural Anthropology Online*, <<http://www.culanth.org/fieldsights>>.

A frase pode ser interpretada de diversas maneiras. Pessoas com recursos para ter seu próprio carro, muitos carros e motorista particular devem abdicar desses bens, reduzidos agora a sinais de ostentação. Um transporte público que funcione bem pode ser mais eficiente que o carro com motorista. Indo um pouco além, a frase pode estar questionando a definição mesmo de riqueza. Rico é o que possui diversos carros, barcos e aviões, contribuindo para o enorme congestionamento global, ou é aquele que anda na multidão, sensível a espaços públicos que possam propiciar a convivência de diferentes, campos estratégicos da invenção de novas formas de vida?

A formulação pode soar messiânica, mas a intenção não é essa. Trata-se de salientar as potencialidades postas por movimentos que se distanciam das formas institucionais de organização e manifestação, no rastro dos movimentos sociais dos anos 1960, que “de costas para o Estado e longe do parlamento”¹⁶ levantam temas até então excluídos das agendas políticas, como as discriminações de gênero, raça e ecologia, em performances políticas que tensionam forma e conteúdo de maneira original. Movimentos sociais contemporâneos como que restabelecem conexões com seus ancestrais dos anos 1960 e 1970. E atualizam formas de expressão visual.

O deslocamento na cidade é matéria substantiva da pauta do MPL, cuja iniciativa de combate ao aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) encontrou eco na insatisfação coletiva, especialmente jovem, com a dificuldade de circular na cidade. A ponte e as marginais são vias de circulação prioritária de veículos automotivos particulares. A conexão do trem com o metrô na Estação Pinheiros catalisa desde 2011 o trânsito de uma multidão que vem da Zona Sul e se dirige ao Centro. A linha esmeralda do trem da CPTM acompanha as marginais, ligando o vizinho município de Osasco ao Grajaú no extremo sul do município, passando pelas proximidades do autódromo de Interlagos. Ao longo dessa linha, há conexões com o metrô, uma em direção ao Centro, linha 4, amarela, e outra, linha 5, lilás, em direção ao Capão Redondo, berço de movimentos culturais como Os Racionais e a Cooperifa, lugar com altos índices de criminalidade, truculência policial e falta de equipamentos públicos.

A ocupação da pista de direção sul da marginal Pinheiros no dia 17 de junho surpreendeu. Ao percorrerem o trecho de cerca de 5 km da marginal a pé e à noite, os manifestantes ocuparam espaços do carro. Na marginal

não há calçada ou circulação de pedestres que pudessem vir a engrossar a manifestação. O trajeto é inóspito, escuro, e com poucas exceções desprovido de pontos intermediários para possíveis pausas ou desistências. Não há linhas de ônibus ou pontos de táxi. O trem circula do outro lado do rio.

A última edição do *SPTV* tem cerca de 20 minutos de duração, e em geral vai ao ar entre 19h10 e 19h30. No dia 17 de junho de 2013, o telejornal noticiou o movimento que ocupava o seu entorno. O apresentador apareceu posicionado da maneira convencional, junto a uma janela para o mundo exterior. Porém, a vista era outra: silhuetas de edifícios genéricos compunham um cada vez mais comum horizonte paulistano: uma parede vertical, com reentrâncias e alturas diferentes. A vista estática da fachada escura dos prédios do outro lado da avenida substituiu o plano habitual do viaduto movimentado e iluminado, naquele dia tomado pelos manifestantes.

O âncora abriu a segunda edição com notícias sobre os manifestantes que caminhavam na direção da avenida Luís Carlos Berrini, vindos em dois grupos. Imagens aéreas da passeata que se movimentava na marginal Pinheiros foram exibidas com uma legenda que informava que elas haviam sido captadas há pouco. Ou seja, aquele povo já deveria estar mais à frente no trajeto, talvez na própria Ponte Estaiada. Era possível inferir que, no momento em que as imagens foram captadas, a manifestação percorria a marginal na altura do Jockey Club de São Paulo, facilmente identificável pela pista de grama paralela à via expressa e dela separada por um muro. Encerrando a primeira notícia do dia, o repórter informava que devido à proibição do aeroporto de Congonhas, não seria possível exibir as convencionais imagens aéreas ao vivo do trânsito na cidade. Sem imagens, ficamos com a informação de que os manifestantes se encontravam nas imediações da emissora e que gritavam palavras de ordem contra a Rede Globo.¹⁷

Cerca de uma hora depois, o principal telejornal da emissora mostrou imagens da passeata na marginal do rio Pinheiros, gravadas por uma equipe que acompanhou a manifestação em terra e pelo ar. O telejornal exibiu também imagens do momento em que a outra manifestação passou na frente do luxuoso Shopping JK convidando pessoas a engrossar o protesto.

Dois planos muito curtos da Ponte Estaiada ocupada pelos manifestantes provavelmente captados a partir da janela privilegiada dos telejornais locais da emissora foram exibidas como parte dessa reportagem. A ausência

¹⁶ Para citar o título do artigo de Tilman Evers, “De costas para o Estado, longe do parlamento” (Evers, 1983).

¹⁷ Ver <globo.tv.globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/v/pelo-menos-30-mil-manifestantes-participam-do-protesto-em-sao-paulo/2639685> (acesso em 21/12/2014).

de âncoras e a diferença de horário descaracterizava o set. Um rápido plano geral e um plano de detalhe da ponte compunham a reportagem que foi interrompida por editorial proferido por Patrícia Poeta, então âncora do *Jornal Nacional*. O raro editorial respondeu às acusações dos manifestantes afirmando a isenção da cobertura da emissora e o direito democrático de manifestação. Os bordões críticos entoados pelos manifestantes não foram transmitidos. Mas a performance corporal foi registrada.¹⁸ O relatório de movimentação do Twitter da Rede Globo registra o debate sobre a própria emissora como tema relevante naquele dia.¹⁹

Ao definir o trajeto inusitado rumo à já mencionada Ponte Estaiada, um símbolo do urbanismo que favorece o transporte privado, nas proximidades de um novo centro comercial também produzido por uma concepção urbanística predatória, além de sede e cenário da Rede Globo em São Paulo, os manifestantes paulistanos demonstraram domínio da lógica do espetáculo. Sua performance contra o aumento do transporte visou à conquista não só de visibilidade, mas de uma determinada visualidade, advinda da ocupação do fundo do quadro, da vista de uma janela que todos os dias estende o olhar dos telespectadores para o movimento na marginal sul da cidade e para outros lugares e assuntos que ganham a tela.

A interferência no cenário do telejornal promove um interessante curto-circuito mediático, fazendo com que fundo e figura se embaralhem e o objeto da notícia revele seu potencial subjetivo, exercendo algum controle sobre a forma como sua imagem aparece na tela. A emissora atenua o efeito da performance ao deslocar o âncora para outra janela, mas reconhece o baque ao proferir editorial especial sobre o tema e ao abrir outras janelas, em outros programas de sua grade, para o movimento.

Imagens captadas pela equipe do programa *Profissão Repórter*, exibidas na mesma emissora na noite do dia seguinte, registraram a hostilidade de manifestantes para com a equipe do jornalista Caco Barcellos, que dirige o programa investigativo, em que a elaboração da própria construção da notícia está em pauta. Barcellos protestou contra a forma com que foi tratado, mas, ao mesmo tempo, o programa se dedicou a defender o movimento e seus participantes. O *Globo Repórter* daquela semana também se dedicou ao assunto. A crítica da emissora e dos jornalistas à hostilidade que alguns

¹⁸ Ver <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/sao-paulo-tem-manifestacao-pacifica-nesta-segunda-feira-17/2640011>> (último acesso em 24/12/2014).

¹⁹ Ver <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/assuntos-no-twitter-segunda-feira-17062013.html>> (último acesso em 23/12/2014).

manifestantes demonstraram para com jornalistas presentes às manifestações foi temperada com o apoio ao desejo genuíno de jovens que não só querem mudanças, como querem participar das mudanças.²⁰ O movimento de alguma forma alterou a forma da emissora produzir notícias. Na tentativa de equiparar sua cobertura à da mídia alternativa que transmitia de dentro das manifestações, a emissora passou também a usar aparelhos celulares em reportagens. Cerca de um mês depois, reconheceu o valor da concorrência ao retransmitir imagens captadas pela Mídia Ninja que provaram a inocência do estudante Bruno Teles, preso na noite do dia 22 de julho no Rio de Janeiro sob a acusação de porte de coquetéis molotov.

Imagens captadas por celulares escondidos em estações de trem e metrô superlotadas na hora do *rush*, editadas em documentários amadores postados no YouTube, não deixam dúvida sobre a justiça das reivindicações pela melhoria do transporte urbano. Na época, cinegrafistas amadores ou engajados em coletivos de mídia alternativa contrastaram a falta de qualidade do transporte público com os investimentos milionários que os governos faziam na preparação da Copa do Mundo. Os mesmos governantes que cobravam mais por um serviço ruim investiam demais nas obras da Copa. O contraste sou aviltante.

Alguns desses vídeos fazem uma espécie de balanço. Entre as vitórias arroladas figura não só o congelamento das tarifas, única bandeira assumida pelo MPL, como uma série de votações do Congresso Nacional, como a derrota da PEC 37, que limitaria a ação do Poder Judiciário na investigação de denúncias de corrupção. Na capital federal, o movimento ameaçou invadir o Congresso na mesma noite do 17 de junho, gerando um movimento imediato de aprovação ou rejeição de leis que favoreceriam causas públicas.

Um líder entrevistado por um dos documentários disponíveis no YouTube compara a vitória do movimento contra o aumento da tarifa de transporte em diversas cidades de diversos estados da federação com outras vitórias conquistadas com mobilização popular desde o fim da ditadura. O jovem bem articulado argumenta que em 1984 o movimento pelas “Diretas Já” teve que se contentar com a eleição indireta de um presidente civil, Tancredo Neves. Depois, com a convocação de uma Assembleia Nacional Cons-

²⁰ Hostilidade mais agressiva no Rio de Janeiro, já no início de 2014, causou a morte de Santiago Andrade, cinegrafista da TV Bandeirantes, atingido por um rojão quando cobria manifestação no centro da cidade. Ver, por exemplo, <<http://rederecord.r7.com/video/morre-cinegrafista-atingido-em-protesto-no-rio-de-janeiro-52f8e3000cf252ac2b028822/>> (última consulta em 28/12/2014).

tituinte instituída apenas em 1988. A primeira eleição direta para a presidência em mais de 20 anos se realizou somente 5 anos depois, em 1989. Para o mesmo líder, o segundo movimento recente, pelo impeachment de Fernando Collor de Mello, contava com apoio generalizado. Nessa linha de raciocínio, a vitória de junho de 2013, contra a posição dos principais partidos políticos e dos três níveis de governo, teria sido a mais contundente nos últimos 30 anos.

Além da tarifa, as manifestações de junho de 2013 questionam os principais atores e plataformas da política institucional, exigindo transparência na política e nas relações entre meios de comunicação e sociedade. A forma fragmentada, não institucionalizada e à margem das principais organizações políticas dificulta a efetivação de uma agenda difusa. Depende das instituições da democracia brasileira — partidos políticos, parlamentares, governantes e meios de comunicação — o esforço por diminuir o fosso que as separa dos anseios múltiplos que se expressaram nas ruas.

O ESPETÁCULO ANTIESPETACULAR

As manifestações em São Paulo produziram notícia e até certo ponto controlaram a notícia sobre si próprias. A intensa repercussão em redes alternativas e nas redes sociais problematiza a também intensa cobertura da mídia institucional. A manifestação do dia 17 foi decisiva. Sua força quantitativa foi a resposta mais contundente à repressão policial e à intransigência governamental.

No dia seguinte a essa manifestação gigante e pacífica, membros do MPL em São Paulo participaram de negociação com o prefeito. No dia 19, o aumento foi revogado. A última manifestação com a participação do MPL ocorreu no dia 20 e terminou com desastrosa tentativa de invasão da prefeitura paulistana por manifestantes sem ligação com o mesmo. Em diversas ocasiões, manifestantes também à revelia do MPL impediram militantes de partidos políticos de exibirem bandeiras de suas agremiações, como forma de se diferenciar da desgastada política institucional. No dia 21, satisfeito com a vitória tática alcançada e para não se confundir com vertentes do próprio movimento das quais discorda, o MPL se retirou de cena, de volta à preparação das bases para a luta por transporte público e gratuito. Diversas manifestações ocorreram depois disso, nas semanas seguintes, marcadas por graus excessivos de violência policial e de manifestantes. O medo colou, mas a contundência da vitória obtida permanece.

A dimensão performática das manifestações confirma o interesse em retomar a definição de sociedade do espetáculo cunhada por Guy Debord — que inspirou os movimentos de Maio de 68, basicamente estudantis, especialmente na França, contra o general De Gaulle —, não para simplesmente confirmá-la, mas para indagar sobre uma possível expansão do domínio geral do espetáculo, que se torna como que um repertório comum a partir do qual diversas subjetividades se constituem (Hamburger, 2007, 2013). O recurso ao trabalho do filósofo situacionista francês aparece também em autores que abordam *eventos-imagens*, nos termos de T. J. Clark, ou *espetáculos mediáticos*, nas palavras de Douglas Kellner.

Em *Afflicted Powers*, T. J. Clark e outros autores apresentam texto interdisciplinar engajado em que reconhecem que “o controle sobre a imagem é hoje chave para o poder social” (2006: 29). Em plena era Bush, os autores insistem em exercitar a crítica intelectual como instrumento de luta contra a dominação imperialista exercida por seu próprio país. Membros do coletivo RETORT, da costa oeste americana, retomam a noção de *sociedade do espetáculo* de Guy Debord (Debord, 2002 [1967]) na interpretação do que denominam *evento-imagem* (Clark *et al.*, 2006). O livro recorre a Debord para conceituar os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, evento de dimensões bélicas que no entanto passa ao largo das armas convencionais. Um atentado sem palavras, sem justificativa ou explicação verbal ou escrita. Sem autoria ou elenco assumido. A contundência do evento se expressa em imagens cuja produção é desencadeada pelo cumprimento de um roteiro cinematográfico feito para o tempo da cobertura televisiva. Um avião atinge uma das torres gêmeas, ponto de destaque no *skyline* de Nova York, elemento obrigatório nos inúmeros souvenirs produzidos para o consumo dos turistas estrangeiros que frequentam uma das cidades-vitrine dos Estados Unidos. Vinte minutos depois, um segundo avião atinge a segunda torre. O intervalo de 20 minutos foi suficiente para que as emissoras locais e internacionais sintonizassem o evento e transmitissem as imagens da agressão em tempo real para o planeta inteiro. O ataque atingiu um alvo civil em horário em que ele ainda não estava em pleno funcionamento — ou o número de vítimas teria sido ainda maior. A carga simbólica das torres gêmeas contribui para reforçar o ataque, favorece a reverberação mediática, dimensão orgânica do evento. O atentado se apropria das câmeras de televisão que transmitem as imagens das torres em chamadas ininterruptamente e assim amplificam o espetáculo.

T. J. Clark menciona os gritos de desespero das pessoas que se jogavam das torres em chamas como elemento que marca a memória daquele dia.

Esses sons não eram audíveis na cobertura televisiva acessível no Brasil. Daqui não ouvimos choques, estrondos ou vozes, provavelmente eliminados como recurso para diminuir o impacto das cenas de horror que, por força do domínio da narrativa espetacular, sequestraram emissoras de televisão ao redor do mundo por diversas horas consecutivas. Talvez os sons tenham circulado em emissoras locais, no rádio?

Os atentados de 11 de setembro podem ser pensados como imagem-ação e como imagem-tempo, para usar os termos propostos por Gilles Deleuze para diferenciar o cinema que se abre ao imprevisto, ao espontâneo, aos tempos mortos dos momentos de indefinição, do cinema que privilegia a ação orientada a determinado fim, em narrativas lineares sobre a transformação de personagens que atuam na direção inequívoca da conquista de seus objetivos (Deleuze, 1983, 1990 [1985]). Os atentados podem ser interpretados na chave de um roteiro de filme de ação que desencadeia reverberações estendidas por horas e dias. Um avião se choca em uma torre, as primeiras imagens produzidas por cinegrafistas amadores, as primeiras redes de TV, o segundo choque, as torres que queimam, enquanto apresentadores e pessoas entrevistadas especulam sobre o que estaria ocorrendo. Quando o segundo avião entra rapidamente em quadro e se espatifa contra a parede da segunda torre, transforma o tempo linear da especulação sobre o primeiro choque em observação testemunhal ao vivo. O tempo que se segue, na espera de uma revelação, sem que se saiba exatamente do quê. Especulação no ar e ao vivo sobre a natureza do evento, acidente ou atentado? A mando de quem? Os acontecimentos em Manhattan vão se somando a notícias sobre outros atentados. Washington. A TV não detém o privilégio usual de saber de antemão. A voz *over* titubeia. As respostas se impõem ao vivo, nos próprios desdobramentos das ações. A alteração de voz da moradora da rua 22 que relata a cena do primeiro choque, quando repentinamente surge o segundo avião e provoca o segundo choque. Coube a essa cidadã desconhecida narrar uma etapa importante do evento.

Como se sabe hoje, a sucessão de movimentos não se esgota aí. Ainda há a queda da primeira torre, e depois a queda da segunda torre. A CNN logo cunhou a expressão “America Under Attack”. Durante horas seguidas a televisão no mundo repetiu à exaustão os eventos que levaram à destruição do World Trade Center. Imagens mudas e distanciadas que se impuseram às redes mundiais durante horas. São imagens de derrota, no primeiro ataque que atingiu os Estados Unidos em seu próprio território, um atentado ao mesmo tempo simbólico e brutal. As imagens simultaneamente são e infligem a derrota.

A multiplicidade de filmes feitos nos meses e anos seguintes para contestar versões dominantes e defender teses mais ou menos esclarecedoras confirma a força do baque.

A eficácia do ataque se mede também na sensibilidade que ele gera e que pode ser apreendida no debate entre os autores de *Afflicted Powers* e Hal Foster — como T. J. Clark, historiador da arte. A segunda edição de *Afflicted Powers* inclui um posfácio em que o coletivo RETORT reafirma sua visão sobre a força dos atentados em detrimento do ceticismo de quem relativiza a eficácia do ataque simbólico. O capítulo sobre os atentados de 11 de setembro é contribuição importante para o reconhecimento do espetáculo não como um dado fantasmagórico, mas como um espaço de produção de significado. Os autores se restringem à análise do evento-imagem bélico. Mas outras apropriações da gramática do espetáculo podem ser sugestivas da amplitude do espetáculo como repertório experimental para a gestão de outras formas.

Guy Debord é também lembrado por Douglas Kellner em suas sucessivas elaborações sobre o que denomina *espetáculo mediático* (Kellner, 2012). O autor vem desde os eventos de 11 de setembro elaborando livros e artigos sobre o conceito. A definição é por vezes tautológica. A abordagem descritiva arrola eventos de natureza bastante diferente, como as eleições de Barack Obama nos Estados Unidos e o movimento Occupy Wall Street. O primeiro marco seria 1968. Depois 1989. Mas as referências fortes são os atentados de setembro de 2001 (coincidentemente, a mesma data da tomada de poder pelo general Pinochet no Chile, em 1973, que custou milhares de mortes, desaparecimentos, torturas e exílio) — e 10 anos depois, a Primavera Árabe. Para o autor, espetáculos mediáticos podem ser de terror, podem ser eleitorais, podem ser revolucionários, ou ocupações. Espetáculos mediáticos são aqueles que dominam certos circuitos de mídia durante dias. São globais e relacionados à ascensão de canais a cabo de notícia 24h e da internet. Espetáculos mediáticos possuem temporalidades, trajetórias e consequências próprias. São imprevisíveis: quebram a rotina. Para Kellner, esses espetáculos são centrais para a compreensão da cultura contemporânea.

Seus estudos estão baseados na descrição detalhada a partir de fontes diversas, mas em geral em língua inglesa e pesquisadas a partir dos Estados Unidos. Embora reconheça a dimensão global do fenômeno e procure levar em conta material difundido em diferentes locais, como a praça Taksim no caso das manifestações turcas, não há dados, por exemplo, sobre a penetração dos canais de notícia 24h em outros países e a eventual relação desses canais com cada um dos eventos. Seus capítulos são ilustrados com trechos

do texto de Debord, que ele interpreta como pensamento totalizante, associado à Escola de Frankfurt. Ao mesmo tempo que admira o caráter visionário da formulação, procura se diferenciar do situacionista francês propondo uma abordagem que poderia ser considerada como empiricista. Para Debord tudo é parte do espetáculo. Kellner, por sua vez, procura tipificar: espetáculo político, de terror, de insurreição. E adota uma perspectiva eclética, que ele denomina “multiperspectivista”.

Debord é engajado: seu texto, como suas obras fílmicas, procuram desarticular uma forma de imaginação associada a um capitalismo tardio, do bem-estar social, da sociedade de consumo. O pensamento situacionista busca alternativas à sociedade de consumo que não se confundem nem com o Estado de bem-estar social capitalista, nem com o Estado socialista. Em ambos os modelos, o Estado emerge como dimensão a ser combatida. Para Kellner, o conceito de espetáculo de Debord seria monolítico.

Este valoriza a criação de situações que exijam intervenções ativas como alternativa aos passivos consumidores de espetáculo. Sua definição de situacionismo valoriza uma atividade artística e *underground*, enquanto o analista americano propõe a ideia de que o espetáculo é em si um terreno de contestação que pode se tornar espaço de resistência ou dominação. A ideia de terreno de contestação é interessante, porém continua desprovida de especificidade própria — já que os significados possíveis se reduzem a hegemonia ou resistência. Mas se admitirmos um pouco da energia criativa com a qual Guy Debord procura desarticular a lógica do espetáculo podemos pensá-lo como espaço de produção de significado, em geral no embate. Assim, a questão seria a de que o espetáculo se instala como uma linguagem através da qual as pessoas se relacionam. A definição permanece uma questão.

O uso das redes sociais para propor e repercutir opiniões, votos ou organizar eventos públicos tem chamado a atenção de analistas e políticos por seu potencial de formar opinião e produzir movimentações repentinas. As redes sociais potencializam a circulação de observações escritas ou imagéticas captadas por aparelhos multifuncionais portáteis e individuais. Além de disponíveis ao vivo e em tempo real, na internet ou na televisão, essa pluralidade de imagens, sons e textos relativos a esses movimentos estão disponíveis *a posteriori* nos inúmeros arquivos vivos, aos que possuem acesso à rede mundial de computadores. Esses acervos de mobilizações públicas às vezes são alterados pela censura, mas, de modo geral, oferecem imagens abundantes de multidões em movimento, em países árabes, na Turquia ou no Brasil.

Talvez na trilha dos manifestantes dos anos 1960, especialmente na França e nos Estados Unidos, que denunciavam o domínio cotidiano das consciências em um mundo saturado de imagens-mercadoria, os manifestantes dos anos 2000 incorporam o espetáculo como dimensão intrínseca a suas manifestações. Voltando a Debord, em sua prática-pensamento, o espetáculo é associado ao domínio das imagens, à domesticação das consciências, ao consumo e à alienação. O espetáculo é como que uma fantasmagoria que aliena e limita a subjetividade. Contra o domínio do espetáculo, barricadas, filmes com quadros negros ou brancos, sem imagem em movimento; filmes de compilação onde a montagem por contraste salienta com ironia elementos visuais associados a culturas oficiais dominantes.

Os movimentos contemporâneos repetem elementos presentes na década de 1960, mas também se distanciam das proposições de então. Tal como os manifestantes dos anos 1960, essas multidões de jovens empunhando cartazes com dizeres variados buscaram se dissociar da política institucional. Partidos políticos tiveram dificuldade de se expressar, coibidos pela pressão de manifestantes que fizeram questão de preservar sua distância da política partidária. Diversos órgãos de imprensa escrita e televisiva também encontraram resistência de manifestantes. Parte dos escritos nos cartazes expressam a legitimação de reivindicações relacionadas à política institucional, como a luta contra o deputado preconceituoso erroneamente indicado para presidir a Comissão de Direitos Humanos do Congresso brasileiro. Mas de maneira contundente, manifestações contemporâneas disputam a construção e a circulação das próprias imagens.

A manifestação do dia 17 de junho de 2013 em São Paulo estabelece o território urbano como palco de disputas que incluem o espaço virtual da televisão e das redes sociais. O duro caminhar na intempérie noturna, às margens de um rio poluído, em inóspita via expressa, implica exercício físico e disposição para enfrentar a escuridão e a via pouco convidativa. Há aqui um domínio da malha urbana em sua dimensão física e simbólica. Há também um domínio dos mecanismos de expressão visual da metrópole. Essa disposição física e intelectual para disputar o destino e a circulação no espaço público da cidade se verificou também, no mesmo início de junho, cerca de uma semana mais cedo, contra a demolição do Parque Taksim em Istambul, na Turquia, onde a ocupação pacífica visava à manutenção de um espaço público urbano, contra a intervenção do poder público que favorece a especulação imobiliária.

Lá como aqui arranha-céus corporativos tomam conta da paisagem urbana em detrimento das habitações e populações de cada lugar. O fenô-

meno é característico de Estados suscetíveis à pressão de interesses econômicos que permitem a formação desregulada de metrópoles caóticas e paisagens desfiguradas. Na Turquia a repressão tomou conta, mas por enquanto a praça continua no lugar. No Brasil o aumento das passagens de ônibus foi contido. Em ambos os casos há um desejo de circulação livre no espaço virtual, mas também no espaço público presencial, verde, de asfalto ou concreto. Em ambos os casos as lideranças são difusas e as expressões coletivas que inundam a mídia institucional e alternativa expressam a vontade coletiva de controlar o devir de cidades castigadas por vidas urbanas saturadas de poluição, congestionamentos e desigualdades sociais.

Uns movimentos se inspiram nos outros: as interlocuções entre eles constituem dimensão relevante para pesquisa. A Primavera Árabe sacudiu a geopolítica mundial nos primeiros meses de 2011. A rotineira corrupção policial em uma pequena cidade na Tunísia sob governo autoritário e discriminante foi denunciada pela reação extrema de um jovem de boa paz, agredido publicamente com um tapa na cara pela policial feminina que cobrava propina e diante da sua recusa em pagar lhe confiscava o meio de trabalho. Ao atear fogo no próprio corpo, o jovem, inadvertidamente ou não, se referiu à conhecida imagem do monge que protestou em 1968 contra a Guerra do Vietnã (Kellner, 2012: 188). A atitude extrema do jovem tunisiano foi como uma gota d'água que mobilizou a reação de seus conterrâneos e que em poucas semanas levaria à deposição do ditador do país. O exemplo suicida foi também seguido no Egito, cuja revolução semelhante inicialmente levou à queda da ditadura vigente. Eleições levaram um líder muçulmano ao poder. Novo golpe instaurou novo regime ditatorial.

Cerca de um ano e meio depois das manifestações de junho de 2013, passados a Copa e as eleições de 2014, ao finalizar este texto nos primeiros dias de 2015, as questões que os dizeres empunhados por manifestantes procuraram responder permanecem no ar. Analistas de prestígio, como a professora Marilena Chaui (Chauí, 2013), desconfiam da resistência de participantes do movimento aos partidos políticos, instituições necessárias ao funcionamento da democracia representativa.

O prefeito Fernando Haddad, de São Paulo, acabou de decretar em 6/1/2015 um novo aumento da tarifa de ônibus, elevando o preço da passagem dos R\$ 3 em que ficou congelado até agora, para R\$ 3,50. Mas dessa vez o aumento veio no recesso de ano-novo, em plenas férias escolares. O ano não é eleitoral. Tampouco haverá Copa do Mundo. Em atenção ao movimento, a prefeitura concede passe livre a estudantes da rede pública de ensino fundamental e médio. Não é pouco.

O MPL convoca um protesto para o dia 9 de janeiro de 2015. A luta pela tarifa zero continua. Continuam a reverberar anseios por mais participação, por menos hierarquia, por cidades mais permeáveis à livre circulação, por menos violência, por mais verbas para saúde e educação, pelos direitos às diferenças, por modelos menos predatórios e mais orgânicos de vida. Por menos burocracia e mais permeabilidade das agências públicas, por mais transparência, por descentralização.

De certa maneira as perguntas que inspiram os dizeres “Saímos do Facebook” continuam atuais. De onde saíram os manifestantes? Eles voltarão? Difícil prever. A consolidação da democracia brasileira requer atenção à agenda posta nas ruas. Não há por que não enfrentar questões polêmicas que não aparecem nas campanhas eleitorais, mas que são centrais na vida cotidiana de sociedades democráticas. Não há por que ocultar conflitos. A demarcação das terras indígenas, a proteção e reconstrução das florestas e o modelo do agronegócio. O tráfico de drogas. A violência urbana. A violência policial. A especulação imobiliária. O financiamento de campanhas. A formação de uma opinião pública sintonizada com novos paradigmas é uma realidade que se consolida também através das redes sociais.

Posicionamentos dos movimentos brasileiros coincidem com o de cidadãos nos mais diversos lugares, uns enfrentam regimes totalitários, outros se deparam com Estados que se confundem com religiões, outros reclamam das limitações de regimes democráticos orientados pela lógica do capital financeiro. O regime político, o regime econômico, a língua, a história ou a religião diferenciam movimentos ao redor do mundo. A circulação e a sinergia global não diminui a importância das manifestações locais, bastante específicas. Em comum as grandes manifestações contemporâneas problematizam a política institucional e os meios de expressão. Há desejos difusos por participação, pela circulação livre nas cidades, pela valorização da vida cotidiana, das formas orgânicas, pela imaginação de soluções de engenharia alternativas. Esses anseios alimentam formas espetaculares que emergem em manifestações antiespetaculares e merecem atenção.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter (1968). *Illuminations: Essays and Reflections*. Introdução de Hannah Arendt. Nova York: Schocken Books.
- _____ (1978). *Reflections: Essays, Aphorisms, Autobiographical Writings*. Nova York: Schocken Books.

- CALDEIRA, Teresa P. R. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp.
- _____ (2013). “São Paulo: The City and its Protests”. *Kafila*, 5/7, <<http://kafila.org/2013/07/05/sao-paulo-the-city-and-its-protests-teresa-caldeira/>>.
- CHAUÍ, Marilena (2013). “O inferno urbano e a política do favor, tutela e cooptação”. *Blog da Boitempo*, 28/6, <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/06/28/o-inferno-urbano-e-a-politica-do-favor-tutela-e-cooptacao/>>.
- CLARK, T. J.; BOAL, Iain A.; MATTHEWS, Joseph; WATTS, Michael — RETORT (2006). *Afflicted Powers: Capital and Spectacle in a New Age of War*. Londres: Verso.
- COELHO, Marcelo (2013). “A arte do impossível”. *Folha de S. Paulo*, 19/6, <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/06/1297491-marcelo-coelho-a-arte-do-impossivel.shtml>>.
- DEBORD, Guy (2002 [1967]). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DELEUZE, Gilles (1983). *Cinema 1. A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1990 [1985]). *Cinema 2. A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense.
- EVERS, Tilman (1983). “De costas para o Estado, longe do parlamento”. *Novos Estudos*, Cebrap, vol. 2, n° 1, pp. 25-39.
- FIX, Mariana (2001). *Parceiros da exclusão. Duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada*. São Paulo: Boitempo.
- HAMBURGER, Esther (2007). “Violência e pobreza no cinema brasileiro recente”. *Novos Estudos*, Cebrap, n° 78, pp. 113-30.
- _____ (2013). “Visualidade, visibilidade e performance em 11 de setembro de 2001”. In: BRASIL, André; MORETTIN, Eduardo; LISSOVSKY, Maurício (orgs.). *Visualidades hoje*. Salvador: Editora da UFBA.
- HOLSTON, James (2013). “‘Come to the Street’: Urban Protest, Brazil 2013”. *Cultural Anthropology Online*, 20/12, <<http://www.culanth.org/fieldsights/458-come-to-the-street-urban-protest-brazil-2013>>.
- KELLNER, Douglas (2012). *Media Spectacle and Insurrection, 2011: From the Arab Uprisings to Occupy Everywhere*. Londres: Bloomsbury.
- LORENZOTTI, Elizabeth (2014). *Jornalismo século XXI: o modelo Mídia Ninja*. São Paulo: egalaxia.
- MACHADO JR., Rubens (2002). “São Paulo, uma imagem que não para”. *Revista D’Art*, São Paulo, CCSP, n° 9-10, pp. 59-66.
- NAGIB, Lúcia (2006). *A utopia no cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify.
- NOBRE, Marcos (2013). *Choque de democracia: razões da revolta*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; DENT, Alexander S. (2013). “Protesting Democracy in Brazil”, *Cultural Anthropology Online*, 20/12, <<http://www.culanth.org/fieldsights/426-protesting-democracy-in-brazil>>.

- RAMTHUM, Rodrigo (2013). “Um ensaio sobre o mês de junho de 2013”. *Observatório da Imprensa*, 16/7, <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed755_um_ensaio_sobre_o_mes_de_junho_de_2013/>.
- SCHINCARIOL, Miguel (2013). “The Signs of the Brazilian Protests”. *New York Times*, 21/6, <http://www.nytimes.com/interactive/2013/06/21/world/americas/brazil-protest-signs.html?_r=0>.
- SENNETT, Richard (1988 [1974]). *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras.
- VAINER, Carlos; HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; BRITO, Felipe; PESCHANSKI, João Alexandre; SOUTO MAIOR, Jorge Luiz; SAKAMOTO, Leonardo; SECOCO, Lincoln; IASI, Mauro Luís; MÍDIA NINJA; DAVIS, Mike; MOVIMENTO PASSE LIVRE SÃO PAULO; OLIVEIRA, Pedro Rocha de; ROLNIK, Raquel; BRAGA, Ruy; VIANA, Silvia; ZIZEK, Slavoj; LIMA, Venício A. de (2013). *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram conta do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- VELHO, Otávio (2013). “Protests in Brazil”. *Cultural Anthropology Online*, 20/12, <<http://www.culanth.org/fieldsights/428-protests-in-brazil>>.
- XAVIER, Ismail (2006). “São Paulo no cinema: expansão da cidade-máquina, corrosão da cidade-arquipélago”. *Sinopse: Revista de Cinema*, ano 8, n° 11, São Paulo, Cinusp, pp. 18-25.

FILMOGRAFIA

- BRANT, Beto (2002). *O Invasor*.
- PERSON, Luís Sérgio (1965). *São Paulo S/A*.
- PRONZATO, Carlos (2014). *A Partir de Agora: As Jornadas de Junho no Brasil* (disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3dIPZ3rarO0>>).
- SANTOS, Roberto (1958). *O Grande Momento*.
- VAINER, João (2014). *Junho*.